



RIMAS
AMAZÔNICAS



2020





RIMAS
AMAZÔNICAS



2020



2020 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020
Editora e-Publicar

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Nilton Azevedo e Roger Goulart Mello

Capa

Leidijane Rolim da Silva

Revisão

Nilton Azevedo

Todo o conteúdo deste livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

R575 Rimas amazônicas [recurso eletrônico] : antologia de cordel / Elias de Souza... [et al.]; organizador Nilton Azevedo. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87207-38-4

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Azevedo, Nilton, 1988-.
II.Souza, Elias de, 1964-. III. Antelo, João Pedro de S., 1992-.
IV.Uilson, João, 1986-. V. Lopes, Ronilson, 1980-.

CDD B869.1

Elaborado por Ana Carolina Silva de Souza Jorge – CRB6/2610

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

contato@editorapublicar.com.br

www.editorapublicar.com.br



2020

Prefácio

Na capa desse livro já é possível encontrar um punhado da alma de muitos brasileiros que transitam no universo simbiótico que une o norte e o nordeste brasileiro. Desta fusão quase magnética, da qual faço parte (minha mãe é amazonense e meu pai é cearense), surgiu a obra que tenho a grande alegria de prefaciá-la: **Rimas Amazônicas: Antologia de Cordel.**

Nas páginas seguintes, encontrarão, a cada respirar, a beleza poética e a arte de rimar.

Mas, muito além disso, está a rica narrativa poética que, certamente, encantar os leitores que deslizarão seus olhos pelas letras miúdas que revelam a beleza e a grandeza genuína do Cordel. São nove textos autorais inéditos que trazem além de histórias, a musicalidade da rima. E já vou lhes dizer:

- Dá até para ler cantando.

O livro começa com o cordel que traz a narrativa sobre assassinatos na Floresta Amazônica, evidenciando aos leitores as cruéis disputas por terra que marcam o território da exuberante floresta disputada pela maldade humana, retratada em **O Assassinato da Irmã Cleusa.**

Logo em seguida, vem **João da Luz** com as suas artimanhas para entrar no céu. É provável que ele seja um parente muito próximo de João Grilo do Auto da Compadecida, criação do gênio nordestino Ariano Suassuna, tenho dito.

O cordel que traz por título **O Coveiro** surpreende ao mostrar o legado daquele que possui a arte de “jogar o barrinho derradeiro”. Já em **A Sina de Josevaldo** temos a história do franzino e valente

Josevaldo do sertão do Ceará, aconselho abrir seu coração para cada Josevaldo que encontrar.

De **José: Origem e Sonho** temos a história bíblica de José do Egito rimada e sentida com riqueza e beleza de detalhes, que convida a todos os homens a entender o poder da fé, da esperança e da paciência em Deus. O que vem depois é um verdadeiro tratado sobre **Envelhecer no Vale**, fazendo-nos refletir sobre os caminhos a serem percorridos no inverno da vida.

Com o **Objeto Voador Não Identificado** sabemos dos detalhes novelescos de um amor entre um jovem casal sob os costumes do bom amancebo amazônico.

Em **O Cafajeste**, o leitor se torna confidente do autor que conta a falta de honradez de um homem ao engravidar uma bela moça. Esse mesmo autor traz **O Fofoqueiro** que descreve com riquezas de detalhes a má fama daquele que vive a espiar e a falar mal dos outros.

Estimados e pretendidos leitores, o que descrevo é uma gota de orvalho comparada ao esplendor de uma chuva amazônica forte e revigorante que simboliza a leitura da obra completa. Então não se acanhe, tome esse banho de cordel e desfrute do banzeiro das rimas que a obra oferece.

Suelem Maquiné
Tianguá-CE, julho de 2020.

SUMÁRIO

Prefácio	4
O Assassinato de Irmã Cleusa	7
João da Luz	18
O coveiro.....	20
A sina de Josevaldo	23
José: origem e sonho	35
Envelhecer no Vale	54
Objeto Voador Não Identificado	60
O cafajeste	73
O fofoqueiro	82
Agradecimentos	92
Os autores.....	93

O Assassinato de Irmã Cleusa

Elias de Souza

1.

Fim do século passado
Foi intensa a turbulência
Muito sangue derramado
Em meio à violência
O AMOR sendo vitimado
Pelo ódio e truculência.

2.

Em toda parte do mundo
No campo, vale ou na serra
Aumentaram os conflitos
Crueldade, morte e guerra
Atos estes motivados
Pelas disputas por terra.

3.

Desse contexto violento
Lábrea não ficou de fora
Um pedaço da Amazônia
Dessa exuberante flora
Que com sangue derramado
Grafou páginas na história.

4.

No ano de oitenta e cinco
Em Lábrea um caso se deu
Que causou muita revolta
E a todos entristeceu:
Dois índios e uma freira
O nosso povo perdeu.

5.

Um homem de mau instinto
Cometeu esta maldade
Derramou sangue inocente
Com requintes de crueldade
Matando quem não fazia
Mal nenhum pra humanidade.

6.

DEUS nos dá o livre arbítrio
A escolha a gente faz
Enquanto uns seguem a Cristo
Outros seguem Satanás
Quem escolhe o antiCristo
Abre mão do amor e paz.

7.

A opção missionária
É um ato libertador
Só quem se guia por Cristo
Escolhe este labor
Porque tem um coração
Guiado pelo AMOR.

8.

Decidir ser missionário
É gesto de humanidade
Uma prova de coragem
De quem tem dignidade
Que persegue a salvação
A paz e a liberdade.

9.

Como fez nossa irmã Cleusa
Deixando a terra natal
Pra missionar no Purus
No meio do matagal
Pregando a Palavra Santa
Pro nosso povo em geral

10.

Tantos anos missionando
Levando paz e guarida
No interior, na cidade,
Dedicando a sua vida
Levando o AMOR de Cristo
Para tanta gente sofrida.

11.

Nas igrejas da cidade
Nos longínquos castanhais
Nos rios e igarapés
E em outros lugares mais
Defendendo os oprimidos
Das garras do sataná.

12.

Até que numa missão
Foi um conflito acalmar
Onde um ser desumano
Disposto mesmo a matar
Findou tirando-lhe a vida
Às margens do Passiá.

13.

É que um índio conhecido
Por Raimundo Podivém
Na aldeia Japiim
A mando não sei de quem
Havia matado Arnaldo
E a dona Maria também.

14.

O Arnaldo era filho
Do Pumari Agostim
Que era o cacique da tribo
Da aldeia Japiim
Maria era a sua esposa
Mãe de outros *curumins*.

15.

Em casa Arnaldo e Maria
Sentiram da morte a garra
Em vinte e cinco de abril
É assim que a história narra
Agostinho estava fora
E Podivém fez a farra.

16.

Conta o branco Lindomar
Que a intenção do Podivém
Era matar Agostinho
E a família também
E se não lhe acompanhasse
Não acabaria bem.

17.

Mortos a mãe e o filho
Agostinho lamentava
Em vinte e seis de abril
Em Lábrea a nova chegava
Na casa das missionárias
Quando irmã Cleusa jantava.

18

Em vinte e sete de abril
Sábado, manhã sombria,
Cleusa parte para a aldeia
Onde morrera Maria
Confortar seu Agostinho
Era o que ela pretendia.

19.

Que esperasse mais um pouco
Foi a ela sugerido
O caso era bem recente
E o caboclo bandido
Pelo que o povo sabia
'Inda estava foragido.

20.

Fátima, a zeladora,
Achou prudente alertar
Achando ser arriscado
Irmã Cleusa ir para lá
Mas estava decidida
A própria vida arriscar.

21.

Do senhor Raimundo Paulo
Cleusa foi acompanhada
Para que à nobre freira
Não acontecesse nada
E no carro do Sessé
Botaram o pé na estrada.

22

O percurso na estrada
Foi uma viagem boa
Nenhum perigo aparente
De animal ou de pessoa
Chegando ao Rio Passiá
Proseguiram de canoa.

23.

Seguiram então rio acima
Rumo à aldeia Japiim
Raimundo Paulo era o guia
Dessa viagem sem fim
Pra onde tristeza e pranto
Eram o drama de Agostim.

24.

Vinte e oito de abril
Domingo pela manhã
A canoa do assassino
Se encontra com a da irmã
Era o índio Podivém
Com espírito de Satã.

25.

Quando se aproximaram
Irmã Cleusa fez sinal
Como quem quer conversar
Mas num instinto brutal
Um tiro em Raimundo Paulo
Disparou o marginal

26.

Atingido nos quadris
Raimundo 'inda ficou lá
Quando a própria irmã Cleusa
Resolveu então gritar
Caia na água meu filho
Tu tens filhos pra criar!

27.

Assim escapou da morte
Que o estava esperando
Disse que ainda ouviu
Ao longe os dois conversando
Depois o motor roncou
A irmã Cleusa levando.

28.

Supõe-se, foi neste dia
Que ela foi assassinada
Conforme a perícia médica
Em Lábrea realizada
Mais de uma semana após
De ela ser raptada.

29.

O corpo, só três de maio
É que foi localizado
Mas somente dia quatro
É que ele foi resgatado
Dava muita dó de olhar
O corpo fragmentado.

30.

O relatório do médico
Revela a brutalidade
Como a nossa irmã Cleusa
Foi morta com crueldade
Com requinte de tortura
E outras *atrocidades*.

31.

Muitas costelas quebradas
O seu crânio fraturado
E o seu braço direito
Parcialmente separado
O assassino foi frio
Alguém desumanizado

32.

A perícia constatou
A coluna fraturada
Restos de chumbo no tórax
Mão direita decepada
Com os seus restos mortais
Ela não foi encontrada.

33.

Foi o nosso Frei Jesus
Nome do Filho de Deus
Que nossos passos conduz
Onde encontraram o corpo
Nosso Frei fez uma cruz.

34.

Numa árvore ficou
O emblema da cristandade
Como aquela em que Jesus
Morreu pela humanidade
Uma homenagem que o Frei
Deixou com sinceridade.

35.

Do hospital seguiu o corpo
Para a nossa catedral
Lugar onde tantas vezes
Falou pro povo em geral
Agora só o seu corpo
Na missa presencial.

36.

Restos mortais num caixão
Para o seu povo prestar
As últimas homenagens
Antes de lhe sepultar
E a sua alma caridosa
Para Jesus entregar.

37.

No Cemitério de Lábrea
Seu corpo foi sepultado
Seguido pelo seu povo
Que chorava inconsolado
Muitas faixas de repúdio
Pelo fato consumado.

38.

Ficou pra nós seu exemplo
O seu jeito de viver
O compromisso com os pobres
No seu contínuo sofrer
A devota missionária
Morreu cumprindo o dever.

39.

Com sangue tingiu as águas
Por AMOR sofreu a dor
Comprometida com os planos
De Jesus o Salvador
Com coragem foi à luta
Enfrentar o opressor.

40.

Com sua fé inabalável
Foi em missão pela vida
Consolar o irmão que tinha
No seu peito uma ferida
De perder esposa e filho
De uma forma tão sofrida.

41.

Certa de que voltaria
Com sua missão cumprida
Sem saber que o assassino
Esperava às escondidas
Armado com espingarda

42.

Cleusa mártir missionária
Mensageira do Senhor
Olhai por nós neste mundo
Onde impera o desamor
Rogai por nós junto ao Pai
Ouvi o nosso clamor.

43.

Pois bem sabemos que tu
Por anjos estás cercada
E com o Deus Salvador
Tens uma eterna morada
Mas aqui na nossa terra
A coisa está complicada.

~FIM~

João da Luz

João Pedro de S. Antelo

1

Quando João da Luz morreu
E subiu até São Pedro
Chegou com intimidade
Como quem tinha amizade
Já foi logo perguntando
Qual a porta? Vou entrando
Quero descansar um pouco
Da minha vida de louco.

2

Mas São Pedro disse a ele:
– Olha, péra lá rapaz!
Aonde pensas que vais
Desse jeito apressado?
Tu não vês que tem aqui
Uma fila pra seguir?
Acabaste de chegar
Não podes assim passar!

3

No entanto João da luz
Que era muito perspicaz
Com um discurso sagaz
Tentou convencer São Pedro
Que ninguém ali do lado
Dele ia fazer malgrado
Porque ele era enviado
De Jesus abençoado.

4

São Pedro ficou olhando
Pra conversa do malandro
E retrucou bem baixinho
Fazendo até um carinho
Na orelha do bichinho
Você aqui é mais um
E com discurso nenhum
Deixarei você entrar.

5

João da Luz olhou pra cima
Ficou muito entusiasmado
Porque foi alumiado
Pela presença divina
Que a todos ilumina
Nos dias de precisão
João foi estendendo a mão
E escutou foi um carão.

6

Olha que menino arteiro
Querendo entrar primeiro!
Pois aqui no meu portão
Você tem que respeitar!
Das ordens que eu te dou
Não vais poder se safar
Trate logo de voltar
Para o final dessa fila!

~FIM~

O coveiro

Joao Pedro de S. Antelo
Nilton Azevedo

1.

Sou um coveiro afamado
Por ninguém fui superado
Nem com o ferro amolado
Conseguiram me vencer.
Por eu ser assim ligeiro
Sempre era o coveiro
A ser chamado primeiro
Para serviços fazer.

2.

Enterrei várias centenas
Pessoas grandes, pequenas,
Loiras, ruivas e morenas
Que não dá nem pra contar.
Enterrei duque e duquesa
Outros membros da realeza
E quem morreu na pobreza
Com três filhos pra criar.

3.

Sempre fui bem humorado
Porém ficava calado
Na hora de ser jogado
O barrinho derradeiro.
Em sinal de referência
Pois no fim da existência
Desse barro sem clemência
Também serei prisioneiro.

4.

Devido minha profissão
Vez por outra um cidadão
Mesmo sem explicação
Fica com medo de mim
Não entendo o motivo
Pois todo mundo que é vivo
Aposentado ou ativo
Terá no barro o seu fim.

5.

Um dia levei um susto
Descansando num arbusto
Perto da cova do Augusto
Quase na hora do almoço.
O sol estava bem quente
Quando veio de repente
Uma mulher sorridente
E me disse:– Olá, seu moço!

6.

Veio e sentou do meu lado
Eu já estava cansado
Não fiquei desconfiado
Nem reparei no tamanco.
Pensei que fosse parente
De algum falecido ente
Nem achei inconveniente
Ela vestida de branco.

7.

Perguntou se eu *tava* bem
Eu perguntei-lhe também
Papo vai e papo vem
Lhe ofereci um café.
Ela aceitou na hora
Depois de certa demora
Reparei que a senhora
Era uma bela mulher.

8.

Me deu o copo vazio
Eu senti um arrepio
E um vento meio frio
Vindo da parte de traz.
Fiquei muito apavorado
Com o cabelo esticado
Quando olhei do meu lado
Ela não estava mais.

7.

Como não há quem me vença
Isso já é uma sentença
Peço agora sua licença
Tenho um serviço a fazer.
Vou treinar outro coveiro
Para também ser ligeiro
Delicado e não grosseiro
Pra hora que eu morrer.

~FIM~

A sina de Josevaldo

João Uilson

1.

Josevaldo nasceu cedo
Sete meses, prematuro,
No sertão do Ceará
De frente para o monturo
De família bem humilde
Que trabalha dando duro.

2

E apesar das intempéries
E pesares que havia
A própria mãe natureza
Também não contribuía:
Uma enchente levou tudo
Que a família possuía.

3.

Josevaldo era o sexto
O último dos irmãos
Pai e mãe agricultores
Cinco filhos artesãos
Josevaldo pequenino
Andava de mão em mão.

4.

Raquítico e bem feioso
Foi crescendo adoentado
Menino simples, esperto
E também muito danado
Este filho nordestino
É o pobre Josevaldo.

5.

O seu pai é Valdomiro
Sua mãe é Josefina
Irmãos: Josafá, Valdir,
E Valdomira, a menina,
Tinha também o Josias
Irmão gêmeo de Josina.

6.

Esta família tão grande
Com muita diversidade
Família de pouco estudo
De pouca escolaridade
Mas de gente sonhadora
Pra isso não tem idade

7.

Valdomiro quando jovem
Sempre foi um sonhador
De estudar pra ser um dia
Do sertão grande doutor
Mas, Valdivino, o seu pai,
O tornou agricultor.

8.

Josefina, sua esposa,
A outro homem prometida
Ficou viúva sem casar
E cedo foi para a lida
Encontrou em Valdomiro
O amor de sua vida.

9.

Era manhã de domingo
No sertão do Ceará
Valdomiro e Josefina
Decidiram se casar
E sem ter muita demora
Se encontraram no altar.

10.

Logo depois da Igreja
Foram para o seu cantinho
Uma casinha no sítio
Construída com carinho
Usando barro e taboca
Construíram o seu ninho.

11.

Logo nasceram os gêmeos
Para a família alegrar,
Depois veio o Valdir,
Valdomira e Josafá
Josefina decidiu
Nunca mais engravidar.

12.

O casal não mais queria
Ter um filho condenado
A uma triste miséria
Vivendo desesperado
Se sete já era muito
Oito, então, exagerado!

13.

Como o futuro é incerto
De repente um mal-estar
Josefina foi ao médico
Não podia imaginar
Tinha feito ligadura
Como então engravidar?

14.

Mas aí não teve outra
Depois do exame feito
Josefina estava grávida
Era uma coisa sem jeito
Agora o casal com raiva
Via no filho defeito.

15.

Josefina teve medo
Durante sua gestação
Só foi nesta gravidez
Que teve complicação
Talvez por que o seu corpo
Não tinha mais condição.

16.

E por isso prematuro
Josevaldo enfim nasceu
Com problemas de saúde
Quase que ele morreu
Foi pela graça de Deus
Que ele sobreviveu.

17.

O menino foi crescendo
Mas demorou encorpar
Cedo foi para a escola
Era preciso estudar
Enquanto a sua família
Tinha que ir trabalhar.

18

O tempo foi se passando
Josevaldo só estudava
Os seus irmãos reclamavam
Porque ele não trabalhava
E com dez anos deixou
A escola que amava.

19.

Começou a ajudar
Seus irmãos como artesão
Ele tinha habilidade
E também dedicação
Começou *inda* menino
A trabalhar com a mão.

20.

Sempre nos fins de semana
Com fé e dignidade
Iam vender suas obras
Até tarde na cidade
Batiam de porta em porta
Passavam dificuldade.

21.

Muitos anos nessa lida
Nada de novo ocorria
Josevaldo ficou forte
E não mais adoecia
Foi quando, então, decidiu
Que ali não mais ficaria.

22.

Meio que desesperado
Com vinte anos de idade
Numa noite de domingo
Quando voltou da cidade
Josevaldo resolveu:
Teria escolaridade.

23.

Percebeu não tinha como
Conseguir algo na vida
Se não fosse pelo estudo
E também com muita lida
Tinha de se aventurar
E cuidar de sua partida.

24.

Reuniu toda a família
E disse vou viajar
Os seus pais não aceitaram
Mas ninguém pode evitar
Ele juntou o dinheiro
Para a passagem comprar.

25.

Após três meses passados
Ele já tinha o dinheiro
Arrumou as suas coisas
Pra seguir seu paradeiro
Despediu-se da família
E partiu de Juazeiro.

26.

O destino era São Paulo
Onde fica? Perguntou
Acontece que dormindo
De São Paulo ele passou
Foi parar em Curitiba
Ele ali então ficou.

27.

Logo conseguiu emprego
À noite foi estudar
O trampo era bem pesado
Mas não podia parar
Findou o primeiro grau
Quando decidiu viajar.

28.

Trabalhou um pouco mais
E estudava num cursinho
Por seis anos residiu
Em Curitiba sozinho
Nunca teve namorada
Seguia só seu caminho.

29.

Depois foi para o Rio Grande
O do Sul, não o do Norte
Terminou o Ensino Médio
Sentiu uma tristeza forte
Buscava por melhorias
Não acreditava em sorte.

30.

Trabalhava na vinheta
Mas não estava contente
Muito tempo sem contato
Nem sequer com um parente
Decidiu vou escrever
Para toda aquela gente.

31.

Pai e mãe deem-me a bênção
E entendam por favor
Que minha falta de contato
Não foi por falta de amor
Aliás, sofro saudades,
Da senhora e do senhor.

32.

Hoje resido no Sul
Em São Paulo não morei
Sem querer passei direto
Isso porque cochilei
Como não pude voltar
Por aqui desembarquei.

33.

Um abraço para todos
Vou continuar aqui
Estou com muita tristeza
Mas vou tentar resistir
Um dia regressarei
Meu tesouro está aí.

34.

Josevaldo era inquieto
Mas sempre foi sonhador
Um excelente estudante
E muito trabalhador
Decidiu largar a vinheta
Pra tentar ser professor

35.

E mudou de profissão
Mudou também pra cidade
Como bom entregador
Levava publicidade
Percebeu que era melhor
Para fazer Faculdade.

36.

Decidiu então fazer
O curso de geografia
Pensando que muito em breve
Pra família voltaria
Acontece que no Sul
Conheceu uma guria.

37.

Passaram-se quatro anos
No fim dos quais se formou
Com a prenda gaúcha
Também ele se casou
Em seguida fez mestrado
Mas queria ser doutor.

38.

Sendo agora Josevaldo
Um exímio professor
Foi pra Universidade
Num concurso ele passou
A gaúcha virou médica
E com ele se casou.

39.

Passados mais alguns anos
Josevaldo decidiu
Vamos ver a minha gente
Do sertão que me pariu
Hoje eu sou o que sou
Porque ninguém desistiu.

40.

Josevaldo escreveu
Pra família uma cartinha
Dizendo ao pai e à mãe:
Vão preparando a farinha
Pois está chegando o dia
De eu voltar pra terra minha.

41.

O contato era difícil
Mas ele não esqueceu
Pra família no sertão
Josevaldo escreveu
Por vocês devo partir
E a Deus agradeceu.

42.

Embarcaram num avião
Pro sertão do Cariri
Josevaldo e a esposa
Sabiam pra onde ir
Pegaram o pau de arara
Pro Sítio Jaburiti.

43.

Josefina e Valdomiro
Sentiam no peito a dor
Na varanda esperando
O filho com muito amor
Longe avistaram o menino
Que se tornara doutor.

44.

O tempo agora é outro
Muita coisa já mudou
O menino rejeitado
Para casa regressou
A família está mudada
E a vida melhorou.

45.

Há um fato emocionante
No desfecho deste enredo
Do menino que venceu
Na vida, apesar do medo
Um fato que para todos
’Té então era segredo:

46.

Maior parte do dinheiro
Que com trabalho ganhou
Josevaldo com carinho
Por muito tempo guardou
E no dia do retorno
Para a família doou.

~FIM~

José: origem e sonho

Joao Uilson
Nilton Azevedo

1

Com Esaú e Jacó
Esta história começa
Por ter roubado uma bênção
Partiu de casa com pressa
Brigado com o irmão
Foi pra casa de Labão
Que lhe pregou uma peça.

2

Chegando na região
Jacó se apaixonou
Por sua prima Raquel
Por ela se encantou
Pela filha de Labão
Numa negociação
Sete anos trabalhou.

3

Rebeca, a mãe de Jacó,
Era irmã de Labão
Jacó no tio confiou
E logo pediu a mão
De Raquel, que tanto amou,
Por quem ele trabalhou
Por sete anos em vão.

4

Assim era o combinado
E Jacó trabalharia
Sete anos para o tio
Que ao final entregaria
A Raquel em casamento
Mas chegado o momento
Labão entregou-lhe a Lia.

5

Lia era a irmã mais velha
Da amada de Jacó
E depois de sete anos
Jacó não dormiu mais só
Mas no dia combinado
Pelo tio foi enganado
Jacó sofreu de dar dó.

6

Pensando que era Raquel
Com Lia Jacó dormiu
Ali tinha um costume
Explicou-lhe o seu tio:
– Lia por ser a primeira
Não pode ficar solteira.
Jacó sereno a assumiu.

7

Trabalhou mais sete anos
Por Raquel a quem amava
Ele nunca desistiu
De quem tanto desejava
Mas o mal tornou-se bem
Aprendeu a amar também
Lia que filhos lhe dava.

8

Desposou-se com Raquel
Que filhos não concebia
Raquel vivia infeliz
E a Jacó ela pedia
De forma muito insistente
Que lhe desse descendente
Senão ela morreria.

9

No início a pobre Lia
Era muito desprezada
Porque Raquel, por Jacó,
Era muito mais amada
Deus vendo a situação
Estendeu a sua mão
Pra deixar Lia animada.

10

Concedeu-lhe o privilégio
De poder engravidar
E ela teve quatro filhos
Que vieram pra alegrar
O seu triste coração
Teve Rúben e Simeão
Depois Levi e Judá.

11

Raquel como era estéril
Sofria com esta sina
E para se tornar “mãe”
De menino ou de menina
Resolveu sair da fila
E entregou sua serva Bila
A Jacó por concubina.

12

Bila então teve dois filhos
Raquel disse: – Eu consegui!
E batizou os meninos
De Dã e Naftali
Dizendo no seu afã:
– Competi com minha irmã
Lutei muito mas venci!

13

Lia fez a mesma coisa
Deu sua serva a Jacó
Zilpa então teve dois filhos.
Chamou de Gade o maior
E Lia muito feliz
Por conseguir o que quis
Chamou de Aser o menor.

14

Depois desses fatos, Lia
Voltou a engravidar
E deu à luz mais três filhos:
Zebulom e Issacar¹
Prova da graça divina
Depois teve uma menina
A quem chamou de Diná.

15

Neste ponto os fatos ficam
Muito mais emocionantes
Deus lembrou-se de Raquel
E do seu sonho de antes
E fez uma maravilha
Deixando toda a família
Com um brilho nos semblantes.

¹Ordem de nascimento: Issacar, Zebulom e Diná.

16

Deus provou à humanidade
Que vale a pena ter fé
Raquel confiou por anos
Que Deus faz quando Ele quer
Ela então engravidou
E ao filho que ela ganhou
Deu o nome de **José**².

17

Depois que José nasceu
Deus mandou Jacó voltar
A sua terra natal
Para ali peregrinar...
Deixando Padã-Arã
Ele foi pra Canaã
Sem Labão desconfiar.

18

Levou toda sua família
Seus rebanhos e seu gado
Seria grande a jornada
Até chegar do outro lado
E tinha a preocupação
De enfrentar o irmão
Com quem estava brigado.

² O nome José tem origem no hebraico Yosef, que quer dizer “ele acrescentará”, referindo-se a Deus. Raquel confiava que ainda teria outro filho.

19

Jacó teve recompensa
Por ser um homem fiel
No retorno ele lutou
Com um anjo em Peniel
O anjo o abençoou
E o seu nome mudou
De Jacó pra Israel.

20

A viagem de Jacó
Foi muito bem sucedida
A briga com Esaú
Findou sendo resolvida
Esqueceu Padã-Arã
Instalou-se em Canaã
E recomeçou a vida.

21

Morou em várias cidades
Inclusive em Betel
De onde partiu pra Efrata
Com sua mulher Raquel
No caminho aconteceu
Algo que entristeceu
A família de Israel.

22

Raquel achava-segrávida
Do seu filho Benjamim
A chegada do garoto
Foi infelizmente assim:
Teve início a sua vida
Mas a da sua mãe querida
Tristemente teve fim.

23

Desta forma Deus ouviu
O pedido de Raquel
Acrescentando outro filho
À família de Israel
Que sentiu naquele dia
Um misto de alegria
Com uma tristeza cruel.

24

Jacó ganhou outro filho
Mas perdeu a sua amada
No caminho de Efrata
Ela ficou sepultada
Israel muito sofreu
E uma coluna ergueu
Onde ela foi enterrada.

25

Por este e outros motivos
Jacó foi muito apegado
A José e a Benjamim
E tinha muito cuidado
Dos dois filhos da velhice
E fez que o resto sentisse
Um ciúme desgraçado.

26

Por ser filho predileto
Ele foi muito odiado
Pelos outros dez irmãos
José era invejado
Quando José lhes contou
O que havia sonhado.

27

Os sonhos que José tinha
Davam-lhes indicação
Que José seria um líder
Talvez chefe de nação
A inveja foi crescendo
Que eles foram resolvendo
Cometer uma traição.

28

José era um bom menino
Nunca causou aperseio
Jacó confiava nele
Sem sentir nenhum receio
Já com dezessete anos
José ajudava os manos
Servindo no pastoreio.

29

Num certo dia Jacó
Mandou José sem ninguém
Ver os irmãos que estavam
Apascentando em Siquém
Então quando o avistaram
Contra ele conspiraram
E fizeram-no refém.

30

Cogitaram sua morte
Mas Rúben não permitiu
Livrou José das suas mãos
Nenhum deles o feriu
Lançaram-no numa cova
E forjaram uma prova
Pra dizer: – José sumiu!

31

Arrancaram-lhe a túnica
E jogaram-no num poço
E sentaram pra comer
Pois era hora do almoço
Enquanto eles comiam
Falavam e discutiam
Sobre o que fazer ao moço.

32

Enquanto José chorava
No poço desesperado
Chegaram uns ismaelitas
Profissionais de mercado
E como faz um pirata
Por vinte moedas de prata
José foi negociado.

33

A bela túnica que
De José tinham tomado
Molharam ela no sangue
De um bode degolado
Quando Jacó viu, chorou,
E inocente acreditou
Que o filho foi devorado.

34

No Egito eles venderam
José para Potifar
Mas como era homem fiel
Começou a prosperar
O chefe vendo-o na linha
Entregou tudo que tinha
Pra ele administrar.

35

Por outro lado a patroa
Não era de confiança
Não respeitava o marido
Com quem tinha uma aliança
E José sem merecer
Logo passaria a ser
Vítima de sua lambança.

36

Diariamente insistia:
– José, deite-se comigo!
Mas José se esquivava:
– Não quero nada contigo!
Um dia ela o agarrou
A blusa dele arrancou
Deixando o pobre em perigo.

37

Ela distorceu os fatos
E mentiu a Potifar
Disse que o mordomo havia
Tentado lhe agarrar
Mas assustado correu
Que até a blusa esqueceu
Quando ouviu ela a gritar.

38

Potifar indignado
Recusou explicação
Mandando buscar José
Atirou-o na prisão
José foi preso calado
Simplesmente condenado
Por não ceder à traição.

39

Porém Deus escreve certo
Mesmo em linha enviesada
O carcereiro entendeu
Que não existia nada
Na conta do cidadão
E José lá na prisão
Teve a vida abençoada.

40

Deus fez com que confiança
José logo adquirisse
Sempre houve algo de bom
No que fez e no que disse
E o carcereiro-mor
Promoveu o sonhador
Para carcereiro-vice.

41

Muitos dias depois disto
Dois colegas de prisão
Acordaram perturbados
Qual quem vê assombração
É que dois sonhos tiveram
No entanto não souberam
Qual a interpretação.

42

Os dois eram funcionários
Do grande rei do Egito
Um era copeiro-chefe
Que cometeu um delito
Já o outro era padeiro
E assim como o copeiro
Também estava aflito.

43

Então contaram os sonhos
José os interpretou
Em três dias sucedeu
Do jeito que ele falou:
Foi liberto o copeiro
E o pobre do padeiro
Faraó o enforcou.

44

O copeiro foi pra casa
E se reestabeleceu
Retomou o seu emprego
Mas de José se esqueceu
E assim fora de perigo
Não falou bem do amigo
Nem por ele intercedeu.

45

Após dois anos passados
Teve um sonho Faraó
No sonho viu sete vacas
Magrelas que nem cipó
Era pele em cima de osso
Costela nervo e pescoço
Com canela e mocotó.

46

No sonho também havia
Sete vacas muito belas
Saudáveis, fortes e gordas
Que não se via as costelas
E enquanto estavam paradas
Elas foram devoradas
Pelas vacas magricelas.

47

O rei então despertou
Com sangue quente nas veias
Dormiu de novo e sonhou
Com sete espigas bem cheias
Boas, graúdas, nutridas,
Porém foram engolidas
Por sete espigas bem feias.

48

Faraó no outro dia
Perdeu a concentração
Então convocou os sábios
Que havia na nação
E contou o sonho a eles
Mas não soube nenhum deles
Qual a interpretação.

49

O copeiro então lembrou
Do tempo que esteve preso
E do sonho interpretado
Pelo hebreu indefeso
Contou o que sucedeu
Que o padeiro morreu
Mas ele saiu ileso.

50

Desta maneira José
Ao palácio foi chamado
Chegou lá bem elegante
Roupa nova e barbeado
E disse: – É um caso sério,
Mas, ó rei, o seu mistério
Por Deus será revelado.

51

– Os dois sonhos compartilham
A mesma interpretação
As sete vacas saudáveis
E as sete espigas de grão
Representam a figura
De sete anos de fartura
Que virá sobre a nação.

52

– Já as sete vacas magras
Com as “pernas” de cambito
E as espigas mirradas
Finas que nem um palito
Têm o mesmo sobrenome:
São sete anos de fome
Que virão sobre o Egito.

53

– Primeiro virá fartura
No campo e aqui na cidade
Mas sete anos depois
Virá a calamidade.
Um conselho eu dou ao rei:
Eleja um vice-rei
Com responsabilidade.

54

Faraó entusiasmado
Promoveu o sonhador
De detento-ajudante
Lá do carcereiro-mor
Promulgando um edito
Fez José ser do Egito
O novo governador.

55

– Você tem a liberdade
Para o que quiser fazer
Minha própria autoridade
Você passa a exercer
De primavera a outono
Só quando estiver no trono
Serei maior que você!

56

De Zafenate-Paneia
“Revelador de segredos”
Não era um homem qualquer
Também lhe deu como dote
A filha de um sacerdote
Para ser sua mulher.

57

José tinha trinta anos
Quando isto sucedeu
Tornou-se governador
E o Egito percorreu
As coisas que ele falou
Quando o sonho interpretou
Tudo, à risca, aconteceu.

58

Quando findou a fartura
José já tinha renome
No mundo inteiro corria
A estima do seu nome
Pois José tinha estocado
Alimento, trigo e gado
Para o período de fome.

59

Nos quatro cantos da terra
A fome se alastrou
O patriarca Jacó
Logo se desesperou
Para preservar a vida
A procura de comida
Dez dos seus filhos mandou.

60

Eles chegando ao Egito
Foram ao governador
Sem saber que se tratava
De José o sonhador
E ali perante o irmão
Inclinaram-se ao chão
Chamando-o de senhor.

61

José os reconheceu
E ficou emocionado
Lembrou dos sonhos que teve
Mas se guardou disfarçado
Então resolveu fazer
Um teste para saber
Se eles tinham mudado.

62

Tratou-lhes asperamente
Disse: – Vós sois espíões
Viestes ver pontos fracos
Aqui dos nossos rincões
Com essa estranha desculpa
Fez ele o peso da culpa
Doer nos seus corações.

63

– Farei convosco um teste
Pra saber se isso é verdade
Quando voltares de novo
Aqui pra minha cidade
Se vós sois de retidão
Trazei o vosso irmão
Que está na menoridade.

64

Algemou a Simeão
Que ficou ali detido
Os demais, indo a Jacó,
Relataram o ocorrido
Cada um ficou cabreiro
Quando viram que o dinheiro
Tinha sido devolvido.

65

E Jacó muito mordido
Disse: – Não vou deixar
Que vocês levem meu filho
Para sua vida arriscar
José já se foi de mim
Se eu perder a Benjamim
Não vou poder suportar!

66

Mas a fome é dor aguda
No final Benjamim foi
José lhes deu um banquete
Carne de reses e boi
Libertou a Simeão
E disse ao caçula irmão
– Meu filho, Deus te abençoe!

67

Quando eles retornam
Um soldado foi atrás
Alcançando-os lhes disse:
– Vós fostes longe demais
Furtando, assim sem temor,
O copo do meu senhor
Essa coisa não se faz!

68

– Que longe de nós esteja
Concretizar tal ação
Nós somos homens honestos
Nenhum de nós é ladrão
Revista nosso transporte
E pagará com a morte
Quem roubou o teu patrão.

69

A inspeção da bagagem
O soldado fez assim
Começou pelos mais velhos
E ocorreu algo ruim
Cada um foi revistado
E o copo foi encontrado
Na saca de Benjamim.

70

Retornando ao Egito
Judá pediu pra falar:
– Ai! Senhor meu, permita
Que eu fique em seu lugar
Se Benjamim falecer
Ou aqui permanecer
Meu pai não vai suportar!

71

Assim José entendeu
Que os irmãos tinham mudado
Que a maldade deles tinha
Ficado lá no passado
E contou o seu segredo
Dizendo: – Não tenham medo!
Soluçando emocionado.

72

– Eu sou José, vosso irmão!
Isso tudo foi um teste.
Não tenham medo vocês
Pelo que a mim fizeste.
Deus mandou-me para cá
Pra fazer o povo escapar
Dessa penúria da peste.

73

Eu que mandei por o copo
O dinheiro eu o devolvi
Deem-me cá um abraço
E apressai-vos pra partir
Não tenham nenhum remorso
Tragam tudo o que é vosso
E venham morar aqui.³

~FIM~

³ Leia a história completa em Gênesis capítulos 25 a 50.

Envelhecer no Vale

João Uilson

1

Eu sou do Vale de rios
Como o do Jequitinhonha
De uma gente que é sofrida
De uma gente que sonha
E constrói a sua vida
C'uma coragem medonha.

2

Eu sou parte de um povo
Que tem a história marcada
Sobre a pele parda e negra
Que é muito cicatrizada
De trabalhos sob o Sol,
De uma vida escravizada.

3

Sento no banco da praça
E busco fios de memórias
Vejo as crianças correrem
E lá vou contar histórias
Todas próximas de mim
Da vida longa de glórias.

4

Vida que me ensinou
Que é duto envelhecer
Acamado, às vezes, choro
Para me locomover...
Aguardo o cair da chuva
Para os meus frutos colher.

5

No meu tempo de outrora
Morros pude escavar
Noites e dias nas minas
Pedras tentei encontrar
Consegui o suficiente
Mas não para enricar.

6

Do lado de cá da vida
Percebo que é diferente
Melhor coisa é ser pobre
E moralmente decente
Do que ser bem sucedido
Porém, pobre moralmente.

7

Nesse Vale desigual
A hora segue avançada
Passa a galope um burrico
Leva gente maltratada
Outros num carro importado
Percorrendo a mesma estrada.

8

Não importa se sou rico
Ou um simples pescador
Sou o velho desse Vale
Que defendo com amor
Eu sou do Jequitinhonha
Analfabeto ou doutor.

9

Tenho na beira do rio
O meu lugar de ficar
Onde à noite no sereno
Eu saio para pescar
Revivendo a mocidade
Não vejo o tempo passar.

10

Quando posso estou na roça
Sem condições na cidade
No centro ou periferia
Perdi minha liberdade
De ficar ou de partir
Não tenho comodidade.

11

No final de cada mês
Quando já aposentado
Busco meu curto salário
E vou ao supermercado
Pago a conta que devo
E torno a comprar fiado.

12

Quando deito numa maca
Em um hospital qualquer
Sinto que sou invisível
O sistema não me quer
Pois não vem ao meu encontro
Nem um auxílio sequer.

13

É que se hoje não rendo
Como antes eu rendia
Sou inútil ao sistema
Não tenho mais serventia
Isso me dizem na fila
Da aposentadoria.

14

Tem noite que durmo tanto
Que penso na eternidade
Outras noites, perco o sono
Quando não, a sanidade.
Me dói quando não entendem
Que faz parte da idade.

15

Com o tempo que eu tenho
Não sei se posso dizer
Fui pouco ao hospital
Que demora pra atender
Se minha saúde é boa
Mas nem posso adoecer.

16

Há momentos que espero
Os filhos virem me ver
Alguns dizem que têm medo
Que eu venha a morrer
Acham eles que a morte
Pressupõe envelhecer.

17

No final, com ou sem filhos
Viúvo ou com companheira
Que a gente vai aprender
Que leva uma vida inteira
Para acertar com alguém
Mesmo fazendo besteira.

18

Com meu cachimbo de barro
Aos sábados vou à feira
Vendo farinha, fubá,
Leite e cachaça caseira
Com os meus velhos amigos
Converso a manhã inteira.

19

Sou de um tempo distante
E de outro vocabulário
Trago no meu peito a fé
E meu santo escapulário
Pago o dízimo direito,
Vou rezar no santuário.

20

Dizem que eu faço parte
De uma idade específica
Chamam de terceira idade
Mas o que significa?
E nas outras duas idades
Como é que a pessoa fica?

21

Pois eu não me sinto velho
Só sinto o meu corpo lento
Estou preso neste saco
De osso, pele, muxibento
Porém tenho o meu valor
Só não tenho acalento.

22

O meu pensamento corre
Meu corpo não acompanha
Não posso mais como antes
Fazer nenhuma façanha
Meu trabalho é limitado
Contudo, não é barganha.

23

O trabalho é um valor
Não posso mais trabalhar
Ando nas ruas do Vale
Às vezes chego a chorar
Vendo alguns jovens crescendo
Sem no batente pegar.

24

Ah, meu Deus! Se eles soubessem
Que trabalhar é lazer
Sei, por meio do trabalho,
Poderiam entender
Que é bom nascer no Vale
E no Vale envelhecer.

~FIM~

Objeto Voador Não Identificado

Nilton Azevedo

1

Esta é interessante
E também é verdadeira
História impressionante
Ouvir não causa cansaça;
Aconteceu de verdade
É a mais pura realidade
Fato com comprovação.
Quem escuta, medita,
Não duvida, acredita,
E guarda no coração.

2

Foi no fim da juventude
Idade de casamento
Um casal com atitude
Sem esperar o momento
Que o velho tinha marcado
E eles tinham concordado
Resolveram apressar:
Combinaram de fugir
E de canoa partir
Numa noite de luar.

3

Milene era a menina
Nilton Filho era o rapaz
Apressando sua sina
Com uma astúcia sagaz
E seguindo a tradição
Da antiga geração
Ali da zona rural:
Todo mundo já sabia
Não se casava, fugia.
Era coisa natural.

4

Ali naquele contexto
Era outra realidade
Que fosse por pretexto
Ou espontânea vontade
Pouca gente se casava
A maioria se juntava
Para família formar
Seguiam o coração
Consumavam a união
Depois pensavam em casar.

5

Quem sentia vergonha
De pagar aquele mico
Dizia que a cerimônia
Era ideia de jerico
Nem civil, nem religioso,
Pense num povo medroso,
Da aliança e do altar!
O tempo ia passando
A família aumentando
E nada de se casar.

6

O namoro acontecia
Nos eventos locais
Se uma festa havia
Lá estava o rapaz
E a moça, por sua vez,
Com incrível rapidez
Para lá se dirigia
E ficava ali torcendo
Na beira do campo, vendo,
O amado que corria.

7

Enquanto o felizardo
Jogava seu futebol
Veloz como leopardo
Nem se importava com o sol
A garota impressionava
Até bicicleta dava
Também chute de trivela
Se uma falta acontecia
Sofrer de dor ele fingia
Pra ser cuidado por ela.

8

Não estava preocupado
Se iria amanhecer
Bem dolorido, coitado,
Queria era aparecer
E nos outros dá capote
Para ganhar o garrote
Que era o prêmio do torneio.
Era zagueiro, atacante,
Jogava como volante,
Atrás, na ponta e no meio.

9

Quando acabava o jogo
Começava o arrasta-pé
A festa pegava fogo
Menino, homem e mulher,
Caíam dentro da dança
A noite era uma criança
A festança era arretada
Animação que respeite
Forrozão Mastruz com leite,
Bolero, “rause” e lambada.

10

E foi numa festa dessa
Que Milene conheceu
Um rapaz bonito à beça
Que, hoje, é marido seu.
Um olhou, o outro olhou,
O cupido então flechou
Cuidou de fazer o resto:
Corações bateram forte
Um amor de muita sorte
Começou naquele gesto.

11

Chegou o dia esperado
O rapaz *tava* nervoso
Bem vestido, penteado,
E muito, muito cheiroso.
Sentou no banco da sala
E quase perdeu a fala
Quando o velho apareceu;
Até tentou levantar
Para lhe cumprimentar
Porém a perna dele tremeu.

12

Mas Leonda era tranquilo
E ao rapaz logo acalmou
Já tinha vivido aquilo
E outro assunto puxou.
Papo vai e papo vem
Logo viria também
A hora de mencionar
O assunto da questão
Que era pedir a mão
Da moça pra namorar.

13

Falaram sobre a enchente
Do ano sessenta e dois,
Do sofrer de sua gente
Com a seca de depois;
Falaram sobre um roçado
Que o velho tinha botado
Pra plantar milho e mandioca;
O milho o bicho comeu,
E a maniva morreu
Não deu uma tapioca.

14

Eles também conversaram
Sobre uns toros de Angelim,
Que uma vez eles serraram
Dentro do Tauá-Mirim;
Lá no lago do Merelho,
Com um *motor serra* velho
Que deu problema na vela.
E como se não bastasse
Que a corrente arrebentasse,
Se quebrou a manivela.

15

Leonda falou também
De um susto que levou
Estando só, sem ninguém,
No roçado que botou
Capinando distraído
Quando ouviu um alarido
Feito pancada em lata.
Um barulho muito forte
Achou que era a voz da morte
Zinindo dentro da mata.

16

Deu um pulo pra correr
Mas lhe veio na lembrança
Que acabara de fazer
Umlongo rabicho em trança
Com um ferro bem na ponta
Que a mente ficava tonta
Quando o tal ferro batia
Nas folhas de zinco e latas
Salvando milho e batatas
Do macaco e da cutia.

17

Pela corda lá da beira
A armadilha era acionada
Fazendo uma barulheira
Espantando a bicharada.
Todo dia de manhã
Bandos de maracanã
Vinhambagunçar no milho
Mas bastava um puxavante
E elas no mesmo instante
Voltavam no mesmo trilho.

18

Cortando a erva daninha
Capinava distraído
E a Maria, coitadinha,
Esqueceu-se do marido.
Deu um puxão no chicote,
E dando um grande pinote,
Leonda disse: — O que é?
Seus cabelos cacheados
Apesar de enrolados
E ficaram todos em pé.

19

Num instante tempo voa
Ao jogar conversa fora
A tardinha estava boa
Mas logo chegou a hora
De ouvir o pretendente
Que estava em sua frente
Formalizar o pedido
E mostrar seu argumento
Que se houvesse casamento
Daria um belo marido.

20

— Minha velha, este rapaz,
Quer namorar nossa filha.
Venha ver o que ele faz
E se estudou a cartilha;
Se sabe ler e escrever
E se pode oferecer
Um casamento decente.
Ouça a sua proposta
E veja se você gosta
Depois responda pra gente.

21

Maria sentou no banco
Com a Milene do lado
O rapaz já ficou branco
E um pouco atrapalhado,
Mas controlou o “nervoso”
E com ar de orgulhoso
Chega “engrossou” a voz;
Lá no fundo era arrogante
E se achava o mais galante
Que havia no Badajós.

22

— Dona Maria, Seu Leonda,
E todos que aqui estão:
Vou perguntar, me responda,
Diga que sim ou que não.
Sou rapaz trabalhador
E carrego muito amor
Dentro do meu coração;
Quero entrar na família
E para com sua filha
Tenho a melhor intenção.

23

— Prometo fazer do jeito
Que ordena o figurino
Tenho orgulho no peito
O que é errado abomino.
E não quero me juntar
Eu quero mesmo é casar
No cartório e na igreja
Serei um bom namorado
Vou até fazer noivado
Como a moça deseja.

24

— E possuo uma riqueza
A qual posso oferecer
Não sou de muita grandeza
Mas sei ler e escrever
Prometo ensinar pra ela
Não garanto se a donzela
Aprenderá verbo e pronome
Que também não sei pra tanto
Mas aprenderá ler, eu garanto,
E também fazer o nome.

25

Aquela voz foi um hino
Aos ouvidos da menina
Era mesmo algo divino
Como luz que ilumina
E tomou sua decisão
Nem havia precisão
De o velho permitir
Caso ele não deixasse
E se o rapaz convidasse
Aceitaria fugir.

26

Maria disse: — Meu bem,
Ele é um bom pretendente
E eu acho que ninguém
Ousa pensar diferente
Tem o meu consentimento
A partir deste momento
Podem cuidar do casório
Uma festança na igreja
Como a menina deseja
Logo depois do cartório.

27

Mas falar é muito fácil
Difícil é o cumprimento;
Moradia num palácio
Logo após o casamento
Todo noivo prometia...
Quando a noiva percebia
Já estava amancebada
Com uma reca de “minino”
Mas se aquele era o destino
Continuava a jornada.

28

Os meses foram passando
E a paciência também
A vida dificultando
Pela falta de vintém
Até que a velha promessa
Corroída pela pressa
Foi perdendo seu valor.
— Vamos deixar para lá
Essa história de casar,
Importante é o amor.

29

— No próximo dia vinte
A lua vai estar cheia
Vamos fazer o seguinte
Às dez horas e meia:
Eu venho devagarinho
E assopro de mansinho
Pela brecha do quarto
E se o velho escutar
E caso queira brigar
Pode deixar que eu aparto.

30

— Deixa a janela aberta
E fica bem acordada
Eu virei na hora certa
Na canoa que é pintada
Pintada de tinta preta
E vou deixar o rabeta
Que é pra não fazer barulho
E a gente vai remando.
A data fica lembrando:
É dia vinte de julho.

31

O plano foi infalível
Num vupo o dia chegou
O noivo estava invisível
E ninguém desconfiou
Dentro de quinze minutos
Só se viam dois vultos
Cortando manso o rio;
Só depois que amanheceu
Que Maria percebeu
Que a Milene fugiu.

32

E os dois muito contentes
Mesmo sem flores ou véu;
Sob as estrelas cadentes
Que iam cortando o céu;
A Lua cheia, brilhando,
A canoa acompanhando
Parecia que aprovava
Esse rural casamento
E a todo, todo momento
O casal abençoava.

33

Porém seria normal
Se acabasse neste ponto
Algo seguiu o casal
Que deixou o noivo tonto:
Enquanto eles remavam
E o rio atravessavam
Viram coisa de outro mundo.
Uma figura estranha
De repente os acompanha
E apareceu num segundo.

34

Parecia uma luz forte
Voando acima do rio
Acharam falta de sorte
— O velho já descobriu
E tá vindo atrás de nós!
Com uma triste voz
O rapaz assim falou.
Em um ponto do trajeto
Viram que aquele objeto
Mais e mais se levantou.

35

De fato vinha voando
Cinquenta metros acima
Ficaram imaginando
Que não era obra-prima
De animais nem de humanos
Em todos aqueles anos
Nunca viram algo assim
Não era uma miragem
Então seria visagem
Quem sabe até o Matim.

36

O rapaz remou depressa
E botou mais pela beira
— Que assombração é essa,
Que parece uma fogueira
Ou um pássaro de fogo?
Deus escute o nosso rogo
Nos livre desse mistério!
O cabra ficou com medo
Aquele estranho segredo
Seria um negócio sério.

37

Porém aquele tumulto
Depressa se dissipou
O misterioso vulto
Pela canoa passou
Ia voando sozinho
Prosseguindo seu caminho
Sempre em frente e em paz
E sumiu no firmamento
Numa fração de momento
Eles não o viram mais.

38

Milene não sentiu medo
Só prestava atenção
Se aquele estranho segredo
Seria uma assombração
Tudo era muito incerto
Mas quando ele passou perto
Ela fitou bem a vista
E viu que tinha o arranjo
Igualzinho ao de um anjo
Que ela viu numa revista.

-FIM -

O cafajeste

Ronilson Lopes

1

Atenção caro leitor
Confidente e amigo
Cantar-te-ei uma história
Que aconteceu comigo
É sobre um grande amor
Que no fim tornou-se dor
Uma espécie de castigo.

2

Com dezesseis, conheci-a
Na escola em que estudei
Já ela era mais nova,
Catorze, pelo que sei.
E, logo que eu a vi,
Pude alegre presumir
Serás minha, assim pensei.

3

Muito linda, por sinal
Produto de bom pincel
Pele negra, corpo esguio
Seios fart'olhos de mel
Sempre meiga e delicada
Voz tão doce e educada
Qual anjo vindo do céu.

4

Sempre muito estudiosa
Amava a Filosofia
Responder aos exercícios
Era sempre uma alegria
Cada dia ao seu lado
Fui ficando enfeitiçado
Pela sua companhia.

5

E meu coração se vendo
Assim, nessas condições,
Totalmente embriagado
De desejos e emoções,
Me obrigava a ir com ela
Estudar na casa dela
Com segundas intenções.

6

Já no início me tornei
Bom amigo dessa dama
E logo me decidi
Buscar e levar pra cama
Pois, ela estava a fim,
Apaixonou-se por mim,
Dando início, assim, à trama.

7

Convidei-a, certo dia
Para a orla da cidade
Procurando ocasião
Pra ficarmos à vontade.
Onde eu lhealaria
Do desejo que sentia
Com muita propriedade.

8

Lembro-me bem, como agora,
Do maravilhoso dia
O momento de espera
Que tanto me afligia
De como eu suspirava
Quando ela se aproximava
E me causava euforia.

9

Quando mirei nos seus olhos
A minha voz saiu rouca
Agarrei-lhe pelo braço
Dei-lhe um beijo na boca
Apertei seu corpo ao meu
Como Marília a Dirceu
Sentindo uma paixão louca.

10

Rasguei- lhe, voraz a saia,
Posteriormente, a calcinha.
E, sem pensarmos em nada,
Houve amor sem camisinha.
Com muita curiosidade
Ganhei a sua virgindade
Como prova de ser minha.

11

Contei, contente, aos amigos
Comemorei em barzinhos
Como costuma os homens
Afirmar-se entre amiguinhos.
E, alegre e satisfeito,
Disse: agora está perfeito,
Aquela é minha gatinha!

12

Andávamos sempre juntos
Toda hora nos amando
Nós fugíamos das aulas
Pra ficarmos namorando
Uma vez que os seus pais
Não poderiam, jamais,
Saber de nós dois flertando.

13

Certa vez saí da sala
E, fiz sinal à donzela,
Para que fosse em seguida
Namorarmos, eu com ela.
Mas, sagaz, meu professor
A estratégia notou,
E nos pegou na esparrela.

14

Quando nos viu, disse: - Vixe!
O que está acontecendo
Deveriam estar na sala
Porém, vivem se entretendo
Retornem logo, senão,
Falarei à direção
Do que estavam fazendo.

15

Disse: calma, professor
Namorar não é proibido
Sou livre, faço o que quero
Não se faça de metido
E ele, então, se irritou
E após documentou
Aos pais dela o ocorrido.

16

A minha grande aflição
Estava só começando.
O seu pai bradou: Maldito!
Vou acabar te matando.
E pra aumentar a desgraça
A direção por pirraça
Terminou me expulsando

17

Não vi mais a minha amada
Até que ela me ligou:
- Quero dizer-te uma coisa,
Com muita emoção falou:
- Você precisa saber
Que vamos ter um bebê
Estou tão feliz, amor.

18

Feliz! – Você ficou louca?
Mas, que papo de bebê!
Nunca pensei em ter filhos
Você devia saber
Me enrolar você não vai
Como saber se sou pai
Do filho que espera ter?

19

Ela ficou magoada
Seus genitores bem mais
E expulsaram-na de casa
Como hoje inda se faz
Ela abandonou a escola
Foi, então, pedir esmola
Como qualquer incapaz.

20

Para outra escola fui
De maneira compulsória
Mas concluí meus estudos
E segui minha trajetória
Fui morar na capital
Sentindo-me um maioral
Esqueci aquela história.

21

Após quatro ou cinco anos
Formei-me e coleí grau
Comecei a trabalhar,
Em Manaus, a Capital.
Não pensava no passado
Pra não ser incomodado
Mas, um dia passei mal.

22

Tinha seguido minha vida
Já havia até me casado
Com uma mulher bonita
Que por lá tinha encontrado
Tivemos uma princesa
Joia rara de beleza
Senti-me realizado.

23

Porém, minha consciência
Começou a incomodar,
Arrumei as minhas malas
Resolvi, então, voltar.
Como a cidade é pequena
Aquele moça morena
Não foi difícil encontrar.

24

Quando ela abriu a porta
Eu lhe disse: - Posso entrar?
Ela respondeu: - Que queres
Agora a me incomodar?
Nesta altura da jornada
Creio que não haja nada
Que possas te interessar.

25

- Não acredito que te amei,
Que fiquei a te esperar!
Como uma menina boba
Louca e sempre a sonhar.
A minha vida acabou!
O pão que o diabo amassou
Eu comi. Não vou falar.

26

Mas, eu disse: E nosso filho?
Diga-me como ele vai?
Filho! Disse ela, o que tenho
Dele tu não foste o pai.
Pai, a meu ver, é quem cria
Dá carinho todo dia
Quando chega e quando sai.

27

Logo após esse diálogo
Fiquei mais incomodado
Quando entrou ali um moço
Com um garoto a seu lado
Reconheci que era o meu
Oh meu Deus, como cresceu!
E chorei desesperado.

28

Quando ele soube a verdade
Disse sério, vá embora!
Não quero saber de quem
Desde sempre me ignora.
Você, “pai” me abandonou
Nunca na vida me amou
Mas, eu estou bem agora.

29

No momento admiti
Algo que antes nunca quis:
Eu fui muito egoísta
E foi besteira o que fiz.
Também fui inconsequente
Imoral e indecente
E hoje um cara infeliz.

30

Se eu pudesse voltar
No tempo que ocorreu
Mudaria alguns detalhes
Do fato que sucedeu
O grande amor que acabou
E tanta mágoa causou
Deus, não era plano seu.

31

Do que fiz minha morena
Não sinto orgulho, eu juro!
Pensei, simplesmente, em mim
Esquecendo o seu futuro
Eu feri teu coração
Por isso peço perdão
Pois, sou um homem maduro.

32

Agora, sofrendo muito!
Só então, pude aprender
Escolhemos, somos livres,
Porém, devemos saber
Que nós somos responsáveis
Pelos bons atos prováveis
Como é nosso dever.

33

Você, caro leitor, ouça!
Caso engravide alguém
Aja, então, como bom pai,
Na bondade que convém
Fugindo do seu amor
E do filho que gerou
Ao homem não fica bem.

34

Agindo dessa maneira
Vai, certo, se arrepender
Poderá ser muito tarde
Sem nada poder fazer.
Como, comigo se deu,
Ao perder um filho meu
Porque muito fiz sofrer.

~FIM~

O fofoqueiro

Ronilson Lopes

1.

Quero discutir um assunto
Com você, caro leitor,
Que a julgar pela importância
Creio de muito valor!
Tanto pro homem distinto
Como para o sofredor.

2.

Trata-se de um costume
Que a mim muito chateia
E parece que tem gente
Com tal costume na veia
Que é comentar com os outros
Assuntos da vida alheia.

4.

Quem não conhece o tipo
No popular, fofoqueiro?
Se dele não foste vítima
Então, fique bem cabreiro,
Pois, saiba que te observa,
Às vezes, o dia inteiro.

5

Ele está sempre por perto
Com o olhar bem sorrateiro
Procurando um fato novo
Mesmo sendo corriqueiro,
Onde possa desfiar
Um comentário certo.

6

É um sujeito comum
Que se mostra solidário
Faz cara de preocupado
Mas, no fundo, é o contrário,
Quer mesmo é prejudicar
Com um simples comentário.

7

Por que ele assim o faz?
Digo, para que entendas!
E, possas reconhecer
E evitar muitas contendas
Pra depois do ocorrido
Não mais te surpreendas.

8

Ele age assim por inveja
Que lhe aflige e corrói
Desejo de ser aquele
Que, comentando, destrói
Se pintando de bom moço
Pousando-se de herói.

9

Comenta pra destruir
O outro a quem deseja ser
Como se suas qualidades
Conseguisse absorver
Assim fazendo, não cresce,
Porém, deixa de viver.

10

Sente-se superior
Quando comete desgraça
Rebaixando o semelhante
Corroendo como traça
Pra ele a alegria alheia
Configura-se ameaça.

11

Sente-se desanimado
Ao ver o outro contente
Vai logo sondar curioso
E pergunta abertamente:
Diga lá, meu caro amigo!
Por que estás sorridente?

12

E o bobo desabafa
Partilhando cegamente
Cada acontecimento
Com gratuidade inocente
Sem saber que quem o ouve
É ardilosa serpente.

13

A partilha causa espanto,
No coração uma dor,
Pois, o seu contentamento
Causa-lhe grande terror.
Diz-se contente, quando,
Quer destruir com furor.

14

A cara frange e amarela
Tal quem tem dor de barriga
Sai se doendo por dentro
Pra desfigurar-lhe a vida
Comentando com os outros
De maneira destorcida.

15

Ao saber tuas ideias
Ele sorrir de você
Como és tolo! Comenta.
E caçoa com prazer
No entanto, no seu íntimo
Sente-se desfalecer.

16

Porque queria ele mesmo
Ter tuas boas ideias
As quais ele, não as teve,
Por isso, rouba a plateia,
Fazendo a desgraça alheia
Em sua importante estreia.

17

Quando procurar seus pares
Com a frase conhecida:
Quero contar-te uma coisa
A história de uma vida
E assim sendo, tu deves,
Guardá-la bem escondida.

18

Porém no fundo o sigilo
Não é o que ele almeja
Pois, que a notícia se espalhe
É o que mais lhe deseja
E quanto mais se alastra
Mais ele ri e graceja.

19

Daí, fala exagerando
Acerca do que se ouviu
Aumentando cada ponto
Descrevendo o que previu
Acrescentando outros tantos
Conforme assim presumiu.

20

Se o contrário acontece
E ele vê você chorar
Assim ele se contenta
Seu peito enche-se de ar
Com o ego massageado
Explode de gargalhar.

21

Quer assumir o controle
Pra poder sentir-se pleno
Puxa o saco e manipula
Com palavra e com aceno
A sua língua ferina
Destila mortal veneno.

22

Fofoqueiros, há dois tipos:
Um deles é o refinado
Cujas frases são cortantes
Com cara de preocupado
Prejudica qualquer um
É um tremendo safado.

23

Outro é o deselegante
De ambos, menos temido
Porque ele se atrapalha
É muito desentendido
Ao espalhar seu veneno
É por ele corroído.

24

Fofoqueiro tem costume
De comentar com desdém
Acerca do que mal sabe
Sobre a vida de alguém
Planta a semente do mal
E assim se sente bem.

25

Por exemplo, quando ele,
Vê o marido de alguém
Falar com outra mulher,
Raivoso não se contém,
Vai avisar a esposa
Que é chifre que ela tem.

26

Falando com muito jeito
Como a lhe fazer um bem
E a vítima inocente
Acredita, diz amém!
E o fofoqueiro saindo
Sorrir com muito desdém.

27

Ou mesmo quando ele vê
Um colega prosperando
Não se aguenta de inveja
E sai logo comentando:
Esse aí, não tenho dúvida,
Com certeza anda roubando!

28

No entanto, ele não luta
Esforço não lhe cai bem
Diz que a vida é muito injusta,
Ou, que é vítima de alguém,
Do mundo, sabe-se lá...
Daí seu pouco vintém.

29

Não percebe que o tempo
Que ele perde fofocando
Poderia ser usado
Para crescer, trabalhando.
Por isso, só se contenta
Destruindo e insultando.

30

E você, caro, leitor
Se quiser sobreviver
A este tipo de malandro
Trate bem de aprender
Os conselhos que te dou
Para depois não sofrer.

31

Não digas sobre tua vida
Mais do que o necessário
Pra não te tornares vítima
De algum conto do vigário
Ele até parece amigo,
Mas, no fundo é um falsário.

32

Pois, quem fala em demasia,
Sem maldade presumir,
Com as mãos entrega a arma
Para o outro lhe ferir
O mal destrói bem mais fácil
Quem a ele consentir.

33

Por isso, não dê ouvidos,
Escute, depois esqueça.
E, não faça comentários
Sobre a fala que ele teça
Corte o mal pela raiz
Antes mesmo que ele cresça.

34

Se quiseres dizer algo
Jamais confie recado
A quem possa destoar
A não ser ao interessado
Pois isso, vai lhe custar
Um ultraje desgraçado.

35

Qualquer um está sujeito
A cair numa cilada
Do maldito fofoqueiro
Que vive sem fazer nada
Só espreitando quem leva
Uma vida sossegada.

36

Viva para o teu trabalho
No seio da tua família
Tenha cuidado onde anda
E as coisas que compartilha
Observe se os amigos
Seguem a mesma cartilha.

37

A descrição é um bem,
Honestidade um valor,
A honra é uma dádiva
Que se conquista na dor
De uma vida de labuta
Do homem trabalhador.

38

Finalizo este cordel
Com um apelo a você
Vamos ter muito cuidado
Ao ouvir e ao dizer
Quem sabe assim a fofoca
Possa desaparecer.

~FIM~

Agradecimentos

Agradecemos muitíssimo a paciência e dedicação de Lidijane Rolim da Silva por fazer a belíssima capa desta Antologia.

Os autores



Elias de Souza. Nascido em Pauini (AM), Elias Bezerra de Souza é escritor, poeta e compositor. Começou a escrever aos 14 anos, inspirado pela

própria vida.

Em 1986 participou do Anuário de Poetas do Brasil. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, é professor de Educação Básica Técnica e Tecnológica no Instituto Federal do Amazonas – IFAM *Campus* Lábrea (AM).

É autor de sete livros de publicação independente. Sua última publicação é uma participação no e-Book “Educar é um Ato Político”- Vol. III, organizado por Ivanio Dickmann (2020). Atualmente cursa Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades na Universidade Federal do Amazonas – UFAM.



João Uilson. Nasceu em Barbalha – CE. Graduado em Filosofia e Especialista em PROEJA, João Uilson Vieira Filho é autor do Livro *Desencontro*, dos livros de cordéis *Mitologia Grega* e *Diálogos Filosóficos em Literatura de Cordel* e do livro *Filosofia e Vida: Diálogos entre amigos*, esses dois últimos em parceria com o escritor Ronilson Lopes. Atualmente é

mestrando em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI.



João Pedro da Silva Antelo. Nascido em Guajará-Mirim – RO, é formado em Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atualmente cursa o Mestrado em Estudos Literários pela Mesma universidade.



Nilton Azevedo de Oliveira Neto (1988–) é amazonense, natural da zona rural de Codajás, município localizado a 239,64 km em linha reta da Capital Manaus. Foi lá que, por volta dos dois anos de idade conheceu a Literatura de Cordel, ouvindo seu pai ler **O filho de Evangelista do Pavão Misterioso**, de Manoel Apolinário Pereira. Começou a escrever em 2016 quando conheceu a obra de Patativa do Assaré, a qual veio para consolidar a paixão pelo Cordel.



Ronilson Lopes é maranhense de Carolina. Tocantinense de coração e de vivências. Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ‘A palavra do século 21’ – ALPAS 21. Atualmente cursa Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.



Suelem Maquiné Rodrigues é do Amazonas, mas foi criada no Ceará, sempre transitou com coração e vida por esses dois Estados. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e Letras – Libras (Língua Brasileira de Sinais) pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas). É especialista em Libras e Mestre pelo MPET (Mestrado Profissional de Ensino Tecnológico- IFAM). Atualmente é professora do Curso de Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tianguá). Desde menina, apaixonou-se pela Literatura e fez da palavra seu instrumento de vida.

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

RIMAS AMAZÔNICAS

NILTON AZEVEDO (ORG.)
ELIAS DE SOUZA
JOÃO PEDRO DE S. ANTELO
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES



2020

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

RIMAS AMAZÔNICAS

NILTON AZEVEDO (ORG.)
ELIAS DE SOUZA
JOÃO PEDRO DE S. ANTELO
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES



2020